CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
2 e 5 de setembro de 2026

THE BIG SHAVE / 1967

Um filme de Martin Scorsese

Realização e Argumento: Martin Scorsese / Direcção de Fotografia: Ares Demertzis / Direcção Artística: Ken Gaulin / Montagem: Martin Scorsese / Interpretação: Peter Bernuth.

Cópia digital, colorida, sem diálogos / Duração: 5 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

TAXI DRIVER / 1976
Taxi Driver

um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / Argumento: Paul Schrader / Direcção de Fotografia: Michael Chapman / Direcção Artística: Herbert Mulligan / Música: Bernard Herrmann / Montagem: Tom Rolf e Melvin Shapiro / Interpretação: Robert de Niro (Travis Bickle), Cybill Shepherd (Betsy), Jodie Foster (Iris), Peter Boyle (Wizard), Leonard Harris (Charles Palantine), Harvey Keitel (Sport), Martin Scorsese (passageiro olhando para a silhueta), Steven Prince (Andy, o vendedor de armas), etc.

Produção: Italo Judeo Productions / Produtores: Michael e Julia Phillips / Cópia: DCP, colorida, versão original legendada em português, 114 minutos / Estreia em Portugal: Mundial e Quarteto, a 14 de Abril de 1977.

Antes de **Taxi Driver**, uma rápida viagem aos primórdios da obra de Martin Scorsese, quando o (futuro) cineasta era ainda um jovem estudante de cinema, de vinte e poucos anos, na Universidade de Nova Iorque. Em rigor, qualquer dos filmes "de escola" de Scorsese pouco mais é do que um "'exercício", mas são sempre exercícios onde é possível detectar um sentido de humor "off beat" e um tanto neurótico ("nova-iorquino", dir-se-ia), bem como uma preocupação muito especial com a montagem: quer **What's a Nice Girl...** quer **...Murray** são filmes que deixam ver como na "pré-história" do realizador, já se prenunciavam os alicerces daquilo que, mais tarde, se viria a tornar no "estilo Scorsese". **The Big Shave** é um tanto diferente - continua a ser um exercício de montagem, fundamentalmente, mas o seu minimalismo absurdo e a sua capacidade de perturbação conferem-lhe uma validade mais perene e menos "contextual".
De resto, **The Big Shave** é uma metáfora da guerra do Vietname...

Luís Miguel Oliveira

Nota redigida por ocasião de uma exibição de The Big Shave em conjunto com outras curtas-metragens de Martin Scorsese.

Ainda hoje um filme-chave quando se fala do cinema americano dos anos setenta, **Taxi Driver** continua também a ser um dos filmes enigmáticos de Martin Scorsese – e o tempo não tem feito mais do que adensar essas suas propriedades. **Taxi Driver** permite uma enorme variedade de leituras, e mantém intacto o seu poder desconcertante: perante ele, mesmo o mais "blasé" dos espectadores contemporâneos não pode deixar de se sentir vacilar, tal é a forma como o

"sentido" do filme parece deslizar numa ambiguidade ampliada a cada plano. Os detractores do filme usaram precisamente essa ambiguidade como principal argumento das suas objecções, censurando a inabilidade de Scorsese para consolidar um ponto de vista sobre a narrativa e sobre as personagens, ao mesmo tempo que se queixavam de uma suposta indefinição dos contornos psicológicos da personagem central que levaria o espectador a nunca perceber realmente quais as suas motivações. Por esse motivo a súbita explosão de violência no final do filme foi tão atacada e acusada de não passar de um exibicionismo gratuito capaz de pôr em causa a própria coerência de **Taxi Driver**.

Surpreendem tais objecções, pois se alguma coisa parece evidente no filme de Scorsese é que as causas do desconforto que provoca (e este é um filme que procura tudo menos ser "reconfortante") residem, justamente, na adopção de um ponto de vista que está longe de corresponder às expectativas do espectador. Todas as noções clássicas de identificação entre espectadores e personagens são aqui invertidas, e quem vê **Taxi Driver**, incapaz de verdadeira empatia com a personagem de Robert de Niro, não pode senão sentir-se sozinho e desamparado. Mas há para além disso um pormenor decisivo: se vemos o mundo pelos olhos de Travis Bickle, não vemos nada (a menos que sejamos tão paranóicos como a personagem) do que ele vê. O olhar de Travis Bickle corresponde ao de alguém em definitiva perda, alguém que a dado passo da sua vida entrou em dessincronia com as coordenadas do real: navega, portanto, numa espécie de "limbo" mental, totalmente incapaz de se reconhecer no mundo que o rodeia. Se isto é, só por si, perturbante, Scorsese acentua as coisas pelo facto de se recusar a fazer aquilo a que 99% dos cineastas não seriam capazes de resistir (a bem da "coerência" na construção da personagem e do conforto do espectador): explicar-nos as razões exactas do desequilíbrio de Travis Bickle. Quanto a isso, há apenas pistas, vagas e inconclusivas. Sabemos que se trata de um veterano do Vietname, sabemos que tem uma relação complicada com a família. O que não sabemos é que importância tem isso, nem que relação de causa/efeito existe entre esses dados e o comportamento da personagem. E para isso contribui também a interpretação de Robert de Niro (que já muitos realizadores puseram a fazer de psicopata mas que nunca foi tão perturbante como aqui), uma interpretação magistral na medida em que consegue corporizar na perfeição essa "opacidade" essencial da personagem, e como que "ricochetear" o olhar da câmara. Aliás, os muitos grandes planos de de Niro em **Taxi Driver** parecem feitos para contrariar o que dizia Bela Balasz: não são uma maneira de "chegar à alma" mas, antes pelo contrário, a aferição da impotência da câmara para tal. Resta-lhe filmar os comportamentos com a crua objectividade de quem sabe que as motivações lhe escaparão sempre. Dificilmente se poderia encontrar um programa mais ambíguo do que este.

O que **Taxi Driver** tem de sintomático (e também, até certo ponto, de premonitório) é a descrição de uma "malaise" urbana que começou a ser apreendida precisamente a partir da década de setenta. Nesse sentido há alguma coisa de perturbadoramente "realista" no retrato de Travis Bickle: em última análise a única coisa capaz de funcionar como (insatisfatória) explicação para os seus actos é apenas uma enorme e profunda solidão – uma espécie de "doença da cidade". A história de Travis Bickle podia ser a história do homem que, 4 anos mais tarde, matou John Lennon, ou daquele que, em 1981, tentou matar Ronald Reagan (e que, coincidência ou não, vivia obcecado por Jodie Foster e pela sua personagem em... **Taxi Driver**). Ou ainda a história, todos os anos repetida, do fulano que entra por um restaurante adentro de caçadeira em punho e mata tudo o que se mexa: em todos estes actos e em todos estes homens, por mais "justificações" clínicas que se dêem (e que têm precisamente uma função reconfortante: dizer que "era um psicopata" é o mesmo que dizer "não era um de nós"), resiste sempre uma dimensão inexplicável. Com **Taxi Driver** Martin Scorsese fez o filme desse inexplicável – tão inquietante como familiar.

Luís Miguel Oliveira

Textos originalmente escritos antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico.